

INÍCIO

DEIXA BRILHAR

Purpurina — O Musical *leva arte drag ao palco do CIC*

Reportagem por Marcelo Pedrozo

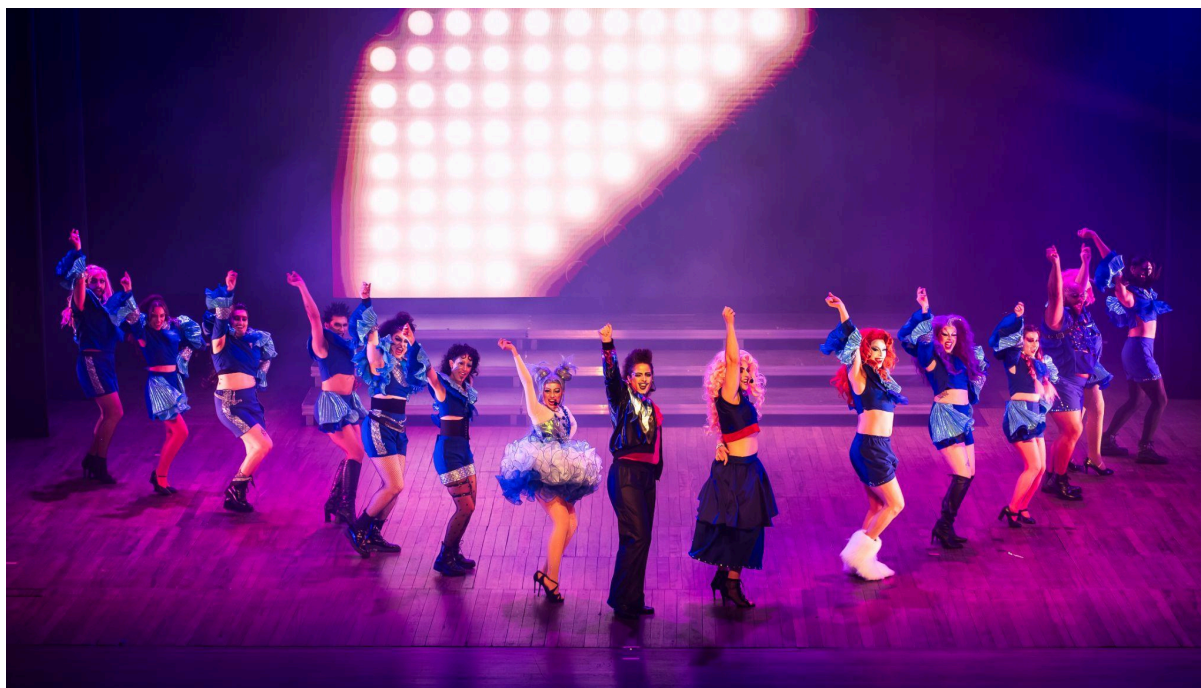


Foto: Divulgação/Maria Antônia Oliveira

Os artistas erguem as mãos. Curvam-se em agradecimento. Na plateia, amigos e familiares gritam e batem palmas, em êxtase. As cortinas voltam a se fechar. Para o público, esse é o fim de *Purpurina — O Musical*.

O espetáculo, apresentado no Centro Integrado de Cultura (CIC) em 26 de setembro de 2025, conta a história de uma casa de arte drag que acolhe pessoas da comunidade LGBTQIA+. Entre elas, estão o estudante Miguel e a atendente Sandra que sonham, respectivamente, em se tornar uma drag queen e uma modelo famosa. Com o apoio da Casa Purpurina, os dois ganham uma chance para brilhar. Miguel constrói sua drag, Elina, e Sandra é selecionada como garota-propaganda de uma loja.

Essa história o público conhece. Mas existem outras.

Por trás de Miguel, existe Bruno, um jovem que também sonha em ser uma drag queen. Por trás de Sandra e de seu sonho de ser modelo, há Julie, que busca novas oportunidades como atriz. Para eles e para outras duas dezenas de artistas, a Casa Purpurina não é uma ficção. Foi nos ensaios para o musical e nas ações transmídia relacionadas que eles descobriram mais sobre si mesmos, encontraram coragem para realizar seus sonhos ou receberam uma oportunidade para mostrarem seus múltiplos talentos. Nesta reportagem, você conhece Bruno, Julie e outros artistas que encontraram na Casa Purpurina a chance de brilhar.

PARTE 1

Jogando purpurina à distância

Primeira montagem começou no home office



Foto: Divulgação/Joy Studios

[Por trás de “Eu Sou Assim” e “Eu Sou Assim \(Piano Version 1\)”](#)

Quem assistiu *Pose* pode achar a cena descrita no áudio acima estranhamente familiar. No primeiro episódio da série estadunidense, o personagem Damon é confrontado pelo pai, que acaba de descobrir que o filho é gay: “Eu disse à sua mãe, ‘você é gentil demais com ele, ele vai crescer uma bicha’, mas ela dizia que criativos precisam de espaço para explorar”. A cena acaba da mesma forma: com o jovem expulso de casa.

Os contextos ao redor são diferentes: em *Purpurina*, o foco é o filho querer ser drag, e a sexualidade do garoto fica no subtexto. Em *Pose*, a mãe é tão severa quanto o pai e concorda com a decisão de expulsá-lo. Mas o mote central é o mesmo, até porque foi ao assistir *Pose* que a dupla Jamil Viganó e André Sens teve a ideia de levar a estética drag para os palcos. Eles se inspiraram na cena em que Damon é expulso de casa para criar a base do enredo de Miguel.

Jamil já foi questionado sobre essa história ser um tanto clichê. Em resposta, ele sempre diz: “Mas é tão real. Tanta gente vive isso ainda”. Em 2019, a Organização das Nações Unidas (ONU) já [alertava](#) para o maior risco de pessoas da comunidade LGBTQIA+ acabarem em situação de rua.



Em 2025, Miguel foi interpretado pelo ator Bruno Mortari. | Foto: Divulgação/Maria Antônia Oliveira

Em 2019, Jamil e André estavam trabalhando em um espetáculo musical sobre cultura açoriana: *Balança, Bruxa!*, contemplado pelo Fundo Municipal de Cultura e produzido pelo LabDat, Laboratório de Design, Audiovisual e Transmídia, da UFSC. Bolsistas de extensão da universidade e voluntários do laboratório, coordenado por André — que é professor nos cursos de Design e Animação —, desenvolveram ações transmídia relacionadas ao musical e apoiaram o elenco nos ensaios e apresentações. Essa dinâmica se repetiria em *Purpurina*.

Quando André e Jamil assistiram *Pose*, começaram a preparar seu próximo projeto, um musical com a estética drag da série, mas no contexto da realidade brasileira. Dessa vez, não houve incentivo cultural, e os cerca de R\$80 mil de custo de produção do espetáculo teatral saíram do bolso de André, o que lhe rendeu o apelido carinhoso de “homem do baú”.

Para toda a equipe, essa montagem de *Purpurina*, a primeira, tem cheiro de álcool em gel, máscara PFF2 e lives no Instagram. Foi em 7 de março de 2020 que o perfil do LabDat divulgou o teste de elenco de seu novo espetáculo. Nem dez dias depois, o Brasil era outro. A ordem era #FiqueEmCasa e os teatros estavam fechados. *Purpurina* não se deixou abalar. As audições aconteceram remotamente, naquela inocência de começo de pandemia, quando se dizia em-quinze-dias-estamos-de-volta. Todo mundo acreditava que, logo, logo, os ensaios presenciais começariam.



Post do LabDat de 7 de março de 2020, anunciando o teste de elenco de Purpurina. | Foto: Reprodução/Instagram LabDat.

Os quinze dias viraram quinze semanas e, tentando aproveitar o tempo, a direção propôs encontros virtuais para debater o texto e construir os personagens. A videoaula chegou ao teatro musical: foi assim que a coreógrafa Amanda Gonzaga ensinou aos atores os passos de *Purpurina*. Além disso, baseando-se nos signos sorteados pelo diretor, o elenco construiu histórias detalhadas para seus personagens. Tudo naquela perspectiva de “estamos fazendo o que dá enquanto não podemos sair de casa”. Em breve, os teatros reabririam e os ensaios poderiam começar pra valer. Em breve...

As quinze semanas viraram quinze meses e, mesmo quando quase tudo já estava no modo “novo normal” — as aulas não eram mais online e as empresas queriam abolir o home office —, os teatros permaneceram fechados. Sem perspectiva de estreia, outras ações foram feitas para manter o projeto vivo: lançamento de algumas das canções nas plataformas digitais, um concurso de drags à distância, um festival online... Foi só em setembro de 2022 que a localização da Casa Purpurina deixou de ser a internet.



Dois anos após serem escalados, os artistas finalmente deram vida a seus personagens em três sessões no Teatro Governador Pedro Ivo. | Foto: Divulgação/Joy Studios

Após a primeira montagem, o desejo era coletivo: fazer de novo. Mas André, que tinha ficado no prejuízo, deixou claro que não financiaria tudo novamente. Assim, ele e Jamil passaram dois anos envolvidos com os trâmites da Lei 8.313/1991, a famosa Lei Rouanet. Ela concede a pessoas físicas ou jurídicas a opção de investir parte do imposto de renda em projetos culturais previamente aprovados pelo Ministério da Cultura. O processo até conseguirem a aprovação do MinC e encontrarem um patrocinador demorou dois anos.

Os R\$150 mil da remontagem foram viabilizados pelo Floripa Airport. Em troca, a equipe ficou responsável por organizar uma ação no espaço do aeroporto — a segunda edição do Festival Purpurina, dessa vez, presencialmente. Além de convidar artistas da comunidade LGBTQIA+ para se apresentarem, parte do elenco do espetáculo montou o Purpurina Show, misturando números da peça e músicas clássicas do pop.

Abre o leque

O som do tabu quebrando



Foto: Divulgação/Maria Antônia Oliveira

Os ensaios da remontagem começaram em junho de 2025, um pouco antes do inverno. A chegada da nova estação é um alívio, porque o ar condicionado da sala não é lá muito confiável. No dia 28, no terceiro encontro, o frio vem acompanhado da chuva. Uma das coreografias até traz guarda-chuvas como objeto cênico, mas é dia de ensaiar outro número, “Tic-Tac”, que é acompanhado por leques coloridos.



Apesar do frio, os atores não escondem a empolgação com o objeto. | Foto: Marcelo Pedrozo

A palavra “leque” vem de Lieu Khieu, nome chinês para um arquipélago situado ao sul do Japão. Os portugueses passaram a se referir ao objeto como “abanos léquios” e o adjetivo gentilício acabou substantivado. A omissão da palavra “abano” é até propícia, porque a função do leque vai muito além do alívio do calor.

Hoje, é um objeto popular entre a comunidade LGBTQIA+, usado para fazer barulho e, claro, para divar. Mas dar outras funções ao leque não é algo novo: os egípcios da Antiguidade já os utilizavam como símbolo sagrado e também para demarcar status. A montagem de Tutancâmon pode não ser a mais tradicional, cheia de ataduras brancas, mas, assim como faria um gay da atualidade, ele deixou uma coleção de leques em sua tumba para servir cunt¹ mesmo depois de morto.



Hoje peça de museu, este leque de Tutancâmon foi encontrado na tumba do rei. | Foto: Reprodução/Egypt Museum

Milênios após a morte do faraó, os leques despertam empolgação na sala 208 do Centro de Comunicação e Expressão (CCE) da UFSC, compondo uma das coreografias de Purpurina. Metade é amarela, a outra, rosa. Os atores ficam fascinados. Vrá. Empolgados, eles testam o barulho como crianças que acabam de ganhar um brinquedo novo. A onomatopeia se repete. Vrá, vrá, vrá.



Orientados pela coreógrafa Amanda Gonzaga, os atores abrem e fecham os leques em um vrá-vrá-vrá interminável. | Fotos: Marcelo Pedrozo

Mesmo naquele dia frio, o leque volta à sua função inicial — refrescar — porque a coreografia de “Tic-Tac” é complexa. O elenco sua ao equilibrar os passos, o canto e a personalidade de seus personagens. A presença do leque aumenta a dificuldade da dança, então o alívio que ele proporciona no final não é nada mais nada menos do que uma compensação. Mas os atores não conseguem deixar de amá-lo.

¹ Gíria para arrasar ou divar de forma atraente, impactante e assertivamente feminina.

Amam tanto que teve até quem sentiu FOMO² por não fazer parte desse número. Em 2022, a queen A Nova Hera fazia só uma pequena participação no espetáculo, no final da peça e também na cena que precede “Tic-Tac”. Agora, pediu para expandir seu papel e ser incluída na coreografia. Precisa arranjar um leque a mais, mas isso não é um problema. Ela tem uma coleção. “O leque é um salvador da pátria. Enquanto drag, que trabalha na boate à noite, garanto que ele salva a gente do calor”.

Quem também traz um leque de casa é o ator Valter Rosa, que não está presente no ensaio de 28 de junho, mas é tão fã do objeto quanto os colegas. Ele tem liberdade para criar a apresentação que sua drag Pérola Blum faz na cena do Concurso Purpurina, mais para o final da peça — e decide enfiar um leque ali. Pérola faz um truque de mágica com o objeto para chamar a atenção dos jurados.

Leques

Depoimento de Valter Rosa (Pérola Blum).

Enquanto o ensemble³ e os coadjuvantes se divertem com os leques na sala 208, o elenco central, na 210, treina os solos sob o comando da preparadora vocal Júlia Rubra. O primeiro mês de ensaios passa assim: metade treinando as coreografias em uma sala, outros treinando o canto na sala ao lado, e alguns indo de um lado para o outro em uma jornada dupla. Como a música diz, tic-tac, tic-tac, vai passar, e logo chega a hora de ensaiar o resto das cenas. Mas essa é uma outra história.

Por trás de “Tic-Tac”

² Fear of missing out, ou "medo de ficar de fora", em inglês.

³ "Conjunto", em inglês. No teatro musical, são os atores que não interpretam personagens principais, mas compõem o coro das músicas e o corpo de baile das coreografias.

PARTE 2

Um lugar pra ela

Julie Vigano e os irmãos na busca por pertencimento



Foto: Marcelo Pedrozo

A atriz e fonoaudióloga Julie Vigano é uma veterana no elenco. Interpreta uma das protagonistas, Sandra, desde 2022. Mas não foi nessa época que ela conheceu o diretor Jamil Vigano. Décadas antes de *Purpurina* sonhar em nascer, os dois dividiam a mesma casa, a mesma família e a mesma paixão pelo teatro. Também enfrentavam o mesmo preconceito da sociedade. Ela mulher trans, ele homem gay, ambos desafiavam, cada um a seu modo, a caixinha de masculinidade que lhes tinha sido atribuída ao nascer.



Julie é dirigida pelo irmão mais velho. | Foto: Marcelo Pedrozo

Nessa família de oito irmãos, há outro com nome começando com J que é importante para esta história: Joel Vigano, 13 e 16 anos mais velho que Jamil e Julie, respectivamente. Além de ensinar aos caçulas lições sobre a vida, como fazem os irmãos mais velhos, Joel também lhes transmitiu o amor pelas artes cênicas. Na adolescência, ele começou a fazer oficinas de teatro no quintal de casa e em salas inutilizadas da Associação de Moradores do Campeche, bairro onde moravam. A trupe era composta de irmãos, primos e amigos. Entre eles, Jamil e Julie.

Recém-saídos da adolescência, os dois jovens entraram na Cia Grito de Teatro, em 2012, onde aprenderam a unir atuação e canto. Nessa época, Joel estava morando no Rio de Janeiro, mas respirava tranquilo sabendo que seus pupilos estavam em boas mãos.

Nos anos seguintes, eles participaram de projetos da Grito que traziam a arte drag como tema. Jamil esteve em *Erótico Club* com a artista e drag queen Selma Light, espetáculo que contava a história da mãe de uma casa de arte drag. Seu mundo se abriu quando conheceu o que era uma drag queen de verdade, para além das representações pejorativas que via na televisão.



Selma Light no teaser de *Erótico Club*, de 2013. | Foto: Reprodução/Selma Light: para os aplausos do público

Enquanto isso, o que se abriu em Julie, ao interpretar uma personagem drag em *Broadway — Por trás das cortinas*, também da Grito, foi ela mesma, quando um desejo antigo ressurgiu. Não o de se montar, botar uma peruca e performar, mas o de ser uma queen em todos os momentos da vida. Incentivada pelo papel, Julie pesquisou sobre gênero, mas não

para construir uma nova persona, e, sim, para se reconstruir. Renascia ali o desejo de ser Mulher, com M maiúsculo, como sempre tinha sido, mas não pudera dizer. Jamil foi uma das primeiras pessoas a conhecer a Julie de verdade.

Todo bom roteirista é, também, um bom observador. Alguns desafios de Julie não são só dela, mas de milhares de pessoas trans que sentem as portas se fechando e lutam para sobreviver no país que mais mata essa população, segundo [dossiê](#) da Associação Nacional de Travestis e Transexuais, a Antra.

Pensando nessas histórias e querendo acolher a irmã também em sua arte, Jamil propôs adicionar uma personagem trans no projeto que vinha desenvolvendo com André Sens. Se a trajetória de Miguel é inspirada em Pose e em todos os meninos que a série representa, a de outra protagonista, Sandra, vem de Julie e de todas as mulheres que carregam a mesma bandeira.

[Por trás de “Lugar Pra Mim”](#)

Ainda bem que Julie aceitou o convite de Jamil para participar da audição, porque, caso contrário, ele teria problemas na remontagem, afinal, nenhuma mulher trans se inscreveu para *Purpurina* este ano. Julie é a única do elenco. Para ela, esse é um problema de falta de acesso. “Muitas não sabem como chegar no teatro musical, muitas têm vontade e não sabem como entrar na área da arte”. Isso lhe é claro porque, quando posta seu trabalho nas redes, recebe mensagens de mulheres trans perguntando: “Como é que eu consigo uma oportunidade? Como é que eu chego a isso? Eu queria fazer isso”.

Sem outras inscritas, foi um desafio escalar as *stand-ins* de Sandra, ou seja, as substitutas, que deveriam ensaiar o texto da personagem para o caso de Julie, por algum motivo, não conseguir entrar no palco. Afinal, a comunidade trans luta contra o chamado *transfake*, que é quando uma pessoa cis interpreta alguém trans. Isso reforça a marginalização desse grupo até quando, em teoria, eles deveriam ser os protagonistas. “Por isso, quando não for uma pessoa trans [atuando], deve-se abordar outro tema”, defende Julie.

É o que Jamil e André fazem. Escalam duas *stand-ins*, mas entregam a elas um roteiro levemente diferente. As Sandras de Bárbara Ferraz e Maya Borges são mulheres cis, assim como as atrizes, e seu conflito gira em torno não mais de sua identidade de gênero, mas de sua sexualidade. Em vez de terem de lembrar à mãe que seu nome é “San-DRA, quantas vezes vou ter que repetir isso?”, elas reforçam o nome da namorada para uma mãe que ainda tem dificuldade para aceitar a filha lésbica.

A mudança não é só de roteiro. Bárbara e Maya recebem versões diferentes do solo de Sandra, “Lugar pra Mim”, que se adequam à tessitura vocal de cada uma. Como mulher que fez a transição após a puberdade, Julie tem uma voz mais grave, enquanto Bárbara e Maya alcançam tons mais agudos.

O público, no entanto, não chega a conhecer essas outras Sandras, porque Julie, graças aos deuses da arte, está firme, forte e saudável no dia da apresentação. O mesmo para os demais atores. Se Bárbara, Maya ou algum dos outros *stand-ins* ficam tristes por não poderem levar suas versões ao palco, não demonstram.



Além de membro do ensemble e *stand-in* de Sandra, Bárbara também é *stand-in* de Raquel, a mãe evangélica de Miguel, ou seja, faz jornada tripla. | Foto: Marcelo Pedrozo

Stand-ins

A escalação de *stand-ins* é uma novidade. Em 2022, não houve esse cuidado. Por isso, Jamil quase surtou quando, seis dias antes da estreia, o ator que interpretaria Miguel teve um problema de saúde. Sem substitutos preparados, o próprio diretor teve de assumir o personagem. Foi um estresse que, se depender de Jamil, nunca mais se repetirá — por isso que, na remontagem, a escalação de *stand-ins* foi feita no começo dos ensaios.

Apesar disso, Jamil admite que foi especial apresentar essa história ao lado de dois de seus irmãos. Isso, dois, porque Joel Vígano também fez o teste para *Purpurina* e passou como Virgílio, o pai homofóbico de Miguel. Se Joel já se sente mal de proferir as falas preconceituosas do personagem em condições normais de temperatura e pressão, imagine sua dor quando quem recebia essas ofensas era seu próprio irmão.



Quando Jamil soube que precisaria assumir o personagem de Miguel, seis dias antes da estreia, os ensaios já haviam acabado. A primeira vez em que contracenou com os colegas foi direto no palco. | Fotos: Divulgação/Joy Studios

Com o transtorno, a imunidade de Jamil baixou. Durante o espetáculo, sua garganta doía, nem todas as notas foram atingidas. Mas, após a canção “Eu tô no escuro”, a mais dramática de Miguel, ele pôde ser abraçado por sua irmã. Sandra é o porto seguro de Miguel na peça. É ela quem primeiro o acolhe, é com ela que ele compartilha suas dores. Os anos se passaram, mas Jamil e Julie continuam segurando a mão um do outro nos momentos em que a vida aperta. Em cena e fora dela.



“Demos aquela seguradinha para não chorar em cena”, conta Julie. “Mas é algo que vem do emocional, até porque eu e ele passamos por um momento difícil de preconceito no bairro. Vêm todos esses pensamentos, todas essas memórias”. | Foto: Divulgação/Joy Studios

Nasce uma estrela

Uma peruca é mais do que só uma peruca



Foto: Marcelo Pedrozo

No banheiro masculino do Floripa Airport, Vinícius Tancredo coloca a peruca para se transformar em Perla Purple. Em minutos, o Festival Purpurina vai começar. Vitor Assunção, diretor de palco, chega para ver se está tudo certo. Vini diz que sim, mas faz um gemido de dor ao ajeitar as mechas loiras na cabeça. Vitor arregala os olhos. “Dói?”, questiona, surpreso. Vini bufa, como se a pergunta fosse besta. “Ô! É só pra quem gosta”. Mas logo se corrige: “Pra quem ama”.

Pode até doer, mas seu brilho é hipnotizante. Longa ou curta, loira ou morena, lisa ou cacheada, a peruca é parte essencial da montagem da maioria das drag queens. Shakespeare já diria que pesada é a cabeça que sustenta a coroa, mas o fato é: toda rainha precisa de uma.



Antes da peruca, a transformação de Vinícius em Perla começa com a maquiadora Lívia Erthal. | Foto: Marcelo Pedrozo

Bruno Mortari descobriu isso um mês antes do festival no aeroporto, no dia de fazer os registros de divulgação do espetáculo. Já tinha provado o figurino de Elina antes, mas aquela foi a primeira vez em que a montagem foi completa.

Assim que tiram a peruca da mala, ele começa a encará-la. São tons de cinza e roxo expostos em fios longos e cacheados. Não poderia ser mais diferente de seu cabelo natural, castanho escuro, curto, na régua.

Logo que dão o ok, Bruno corre para testar a peruca. O cabeleireiro Gustavo Henrique da Silva ajeita a peruca na cabeça e Bruno se vira, afobado, na direção do espelho. Um sorriso se abre. Ele dá uma viradinha, para se ver de todos os ângulos. Afasta as mechas, que já são suas, das orelhas. cobre a boca para tentar conter o sorriso. Não consegue. Nem o seu, nem o dos outros presentes.

Ainda não é Elina por completo, está sem a maquiagem e o vestido, mas já emana uma luz diferente. Já é uma rainha.



Jamil Vigano, André Sens e Vinícius Tancredo assistem à coroação de Elina. Jamil declara: “Nasce uma estrela”.
| Foto: Marcelo Pedrozo

Como toda mãe, Perla Purple sorri ao ver sua filha brilhar. Na peça, a personagem de Perla acolhe o jovem Miguel na Casa Purpurina e oferece os recursos para que ele se torne a drag queen Elina. Vinícius Tancredo interpreta Perla há cinco anos, então os dois são quase um só. Quando Bruno coloca sua peruca e se vê como Elina pela primeira vez, tanto Vini quanto Perla presenciam, felizes, o nascimento de sua nova filha.



A peruca de Elina nada tem a ver com o cabelo de Bruno. Para algumas drags, esse é justamente o apelo. A Nova Hera, por exemplo, geralmente evita perucas castanhas, para não remeter ao Heitor Cameu do dia a dia. “Eu gosto muito de não enxergar o Heitor”, diz. | Fotos: Marcelo Pedrozo e Reprodução/Instagram A Nova Hera

Vini tinha um ou dois anos a menos que Bruno — que tem 24 — quando começou a se montar, mas não protagonizou um espetáculo assim, logo de cara. Pelo contrário, começou bem longe dos holofotes. Um item essencial de sua montagem nos primeiros meses era um lençol branco, para que ninguém o visse saindo de casa montado. “Hoje eu não me importo mais, saio do jeito que eu quero”, diz, mas, na época, mais valia os vizinhos pensarem que estavam sendo assombrados por um fantasma do que por uma drag queen.

Em 2020, época da seleção para a primeira montagem de *Purpurina*, Vini se montava havia três ou quatro anos, um diferencial que o ajudou a conseguir o papel de Perla Purple. Além da experiência como drag, também trabalhava como ator e figurinista no Carnaval, mas sua primeira experiência em um teatro tradicional foi com *Purpurina*, onde aprendeu técnicas de atuação. Não por acaso, vez ou outra ainda chama Jamil Vigano, o diretor de ambas as montagens, de “professor”.



No dia da sessão de fotos, Vini ajusta sua própria peruca. | Vídeo: Marcelo Pedrozo

Quem também teve aulas com Jamil foi Bruno. Fora algumas poucas vezes em que experimentou o sapato da mãe, nunca tinha andado de salto antes e não tinha ideia do quanto aquilo doía. Alguns atores aprendem a montar a cavalo ou tocar piano para interpretarem personagens com essas habilidades, mas, para Bruno, um dos ensaios de *Purpurina* incluiu um curso *express* de Salto Alto Avançado.



Bruno aprende a andar de salto para encarnar Elina. | Vídeo: Marcelo Pedrozo

Após duas horas de maquiagem, ele veste o figurino, incluindo o salto, e recoloca a peruca. O look está pronto, corado com as mechas roxas. Vini, emanando Perla, olha encantado, enquanto se vira para Julie Vignano, ou melhor, para Sandra, que completa o trio protagonista: “Temos uma nova boneca!”.

No estúdio, Jamil e André esperam por Elina junto à equipe de filmagem. Rápidos ajustes no figurino, para esconder uma luva que vive rasgando, e o show começa. São poses diversas, para fotos e vídeos, algumas sugeridas pelo diretor, outras criadas espontaneamente. Em frente a um painel rosa, acontece a primeira performance drag do jovem que escondeu sua queen por mais de vinte anos.



Elina ganha vida no estúdio de gravação. | Foto: Marcelo Pedrozo

Incentivada por Jamil, Elina abre o leque, joga purpurina, dá piscadinhas e convida o público para o espetáculo. Por dentro, o clima é outro, e ela luta para segurar as lágrimas. É difícil, bem difícil, porque Jamil não para de gritar “Boa! Isso! Aê, garota!” — garota, com “a” mesmo. Felizmente, ela é forte, e, embora tenha vontade de mandar Jamil ficar quieto, isso não é necessário. As lágrimas não vêm, a maquiagem segue intacta. Elina capricha no coração, sem acidentes.

[Elina](#)

Depoimento de Bruno Mortari.

PARTE 3

Reis e rainhas de malas prontas

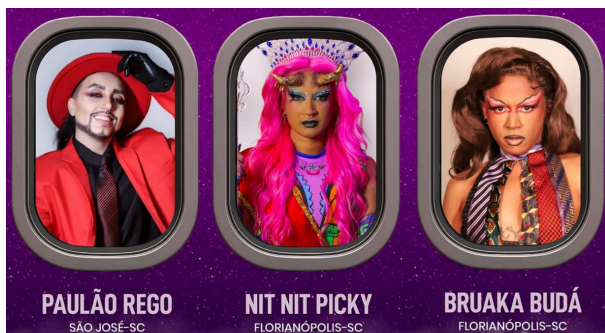
Aeroporto de Florianópolis recebe todos os tipos de drag



Vídeo: Marcelo Pedrozo

Turistas e manezinhos desembarcam felizes por chegarem a seu destino. Carregando suas malas, ouvem uma música alta tocar à medida que se aproximam da saída. Quando passam pela porta de vidro, descobrem sua origem: em um palco montado no meio do boulevard do aeroporto, artistas apresentam performances drag e shows de música e dança no Festival Purpurina.

O ponto alto da noite é a final da segunda edição do Concurso Purpurina. Em 2021, a primeira edição foi realizada inteiramente online. Em 2025, o último acerto de contas entre as drag queens mais babadeiras de Florianópolis e região acontece ao vivo e a cores. Espere, essa frase não está totalmente correta. Os três finalistas são drags, sim, mas apenas um deles é queen: Bruaka Budá. Os outros, Paulão Rego e Nit Nit Picky, são drag king e drag queer, respectivamente.



Os três finalistas no anúncio de participantes do Concurso Purpurina, em 2 de julho. | Foto: Reprodução/Instagram Casa Purpurina.

As queens são as mais famosas do grupinho, artistas — geralmente homens cis gays — que performam feminilidade exagerada. Os drag kings carregam na masculinidade, muitas vezes de forma escrachada, para zombar da figura do macho hétero padrão e boy lixo. Já drag queens não são nem reis, nem rainhas, mas uma terceira coisa secreta. Podem performar androginia, buscar uma neutralidade de gênero ou explorar todas as formas de expressão.

[Bruaka Budá](#)

Depoimento de Bruno Ruthe (Bruaka Budá).

[Nit Nit Picky](#)

Depoimento de Fanny Cacilie (Nit Nit Picky).

[Paulão Rego](#)

Depoimento de Mystika Ai (Paulão Rego).

Enquanto a final do concurso traz um integrante de cada grupo, *Purpurina — O Musical* é um pouco menos representativo. Dos cinco personagens que fazem drag no elenco central, apenas um é king: Isaque, o figurinista machão e pau-pra-toda-obra da casa. A atriz Larah Roncalio, que interpretou Isaque em 2025, não tinha ouvido falar de outras drags que não fossem queens antes de *Purpurina*. Ao receber o papel, foi ao Google para entender por que os kings não haviam chegado em sua bolha.



Larah Roncalio como o figurinista Isaque. | Foto: Divulgação/Maria Antônia Oliveira

Mystika Ai, artista por trás de Paulão Rego, faz parte de um coletivo de kings que pesquisa sobre o assunto. Eles chegaram à conclusão que, historicamente, a maior parte das drag queens eram homens gays explorando sua feminilidade de forma artística, na criação de uma persona. Já no caso dos kings, diversas pessoas transmasculinas e não-binárias utilizam essa arte para expressar seu gênero real.

O coletivo de Mystika ainda tenta entender se a desvalorização dos kings também não vem da reprodução das estruturas machistas da sociedade. Dando mais espaço para queens feitas por homens cis, “será que a gente não tá, novamente, dando prioridade para homens?”, questionam-se. Quando participam de competições, Mystika e colegas percebem comentários misóginos atacando-os por serem pessoas com vulva adentrando os espaços drag.

Larah admira a presença de um king no elenco central de *Purpurina*. “Seria esperado, com essa desvalorização, que só tivesse drag queens”, diz. Isso quase aconteceu. O papel de figurinista da casa originalmente era de uma queen chamada Filipa. Mas, na seleção de elenco em 2020, a atriz Louise Enriconi trouxe “uma marra” que fez Jamil Vígano cutucar André Sens: “André, eu acho que tem que ser um king”. Foi assim que nasceu Isaque.

Larah não se considera especialista em trejeitos masculinos — mesmo não sendo “pequena e delicada”, como ela própria diz, já que tem 1,78m. Sua principal dificuldade ao interpretar Isaque foi nas coreografias, porque muitos passos envolviam quadris quebrados e mãos femininas. Como a própria direção encorajava os artistas a incorporarem as personalidades dos personagens na hora de dançar, Larah precisou achar um jeito de não “abichalhar” seus passos e deixar tudo o mais masculino possível. Com a ajuda de uma amiga formada em Dança, decupou cada passo para tentar eliminar os traços de feminilidade.



Larah emana a marra de seu personagem. | Foto: Marcelo Pedrozo

Um mês antes da estreia do musical, a atriz relaxa no Purpurina Show, que integra o festival no aeroporto. Larah e sete colegas do elenco central da peça cantam e dançam músicas clássicas do pop e alguns números de *Purpurina*, mas não precisam encarnar seus personagens. Hoje, ela pode abichalhar à vontade.



Larah aproveita que não precisa bancar o machão e, com sua make vermelha, encarna a Chappell Roan da Ilha da Magia. | Foto: Marcelo Pedrozo

Após o show do elenco e de outras apresentações de artistas da comunidade LGBTQIA+ de Santa Catarina, chega a hora de Bruaka Budá, Paulão Rego e Nit Nit Picky dublarem por suas vidas. Mais cedo, cada um apresentou uma performance bem ensaiada, dublando canções clássicas e passando mensagens de amizade e de combate ao preconceito. Agora, é hora do sangue. Um jurado faz um gesto convidativo e os três descem do palco e se apresentam a centímetros deles. A canção “Purpurina” começa a tocar e eles fazem o *lip sync*. Cada um tenta ao máximo, mas apenas um pode sair vitorioso. Hoje, foi o rei. Paulão Rego, o único drag king dos 17 inscritos na competição, é também o único a levar o prêmio para casa.



Bruaka Budá, Nit Nit Picky e Paulão Rego aproveitam a última chance para conquistar o coração dos jurados. | Vídeo: Marcelo Pedrozo

Hora do kiki

Drags de Purpurina se juntam na ficção e na realidade



Foto: Divulgação/Maria Antônia Oliveira

Por trás de “Purpurina”

Na história, quem ganha o concurso é Elina, para o descontentamento das rivais, que não escondem a decepção. Seu momento de glória é interrompido por uma tentativa de assassinato. A polícia aparece para impedir, e ainda tem mais um trabalho por ali. É que um dos kings foi denunciado por tráfico de drogas. Naquele dia, esse king vai embora irritado, ligando os pontos para tentar descobrir quem poderia tê-lo delatado. Talvez tenha sido o outro king da casa, seu maior rival. Por fim, decide: “Acho que foi essa vadia”. Aponta para a drag queer Paola Bismarks. “Foi mesmo”, Paola confirma, venenosa.

Se você assistiu a *Purpurina*, deve estar se perguntando como pode ter perdido um momento tão bombástico. Provavelmente nem sabe quem são Paola Bismarks ou o king traficante. Mas pode ficar tranquilo, nem tinha como saber, afinal, essa história aconteceu por trás das cortinas. É que os personagens do corpo de baile da Casa Purpurina podem não ganhar destaque durante o espetáculo, mas os atores que os interpretam construíram bem seus dramas — mesmo que o público nunca chegue a descobrir nem os seus nomes.

Após ensaiar uma de suas coreografias, alguns colegas perguntam à atriz Camila Franco sobre sua personagem. Descubrem que ela é uma das mais pegadoras da casa. Valter Rosa, também do ensemble, ouve a conversa e se empolga. “Vocês tão falando das drags de vocês?”, e emenda um convite: “Vamos contar nossas histórias de personagens!”. Eles formam uma roda e compartilham suas trajetórias.

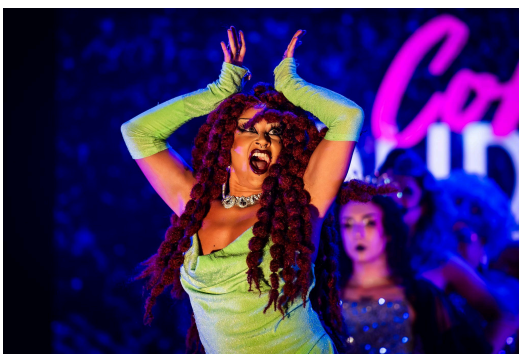


Em um dos últimos ensaios, vinte dias antes da estreia, o elenco tira um tempinho para se conhecer, ou melhor, conhecer seus personagens. | Foto: Marcelo Pedrozo

As profissões imaginadas são variadas: há pedreiros, faxineiros, técnicos de luz e som e até um personal trainer. Alguns se ressentem porque acham que Perla Purple os explora. Tem uma que precisa fazer programa para complementar a renda. Quase todos são meio safados. Os hobbies do grupo incluem shibari, tricô e labubu.

Há também uma complexa rede de picuinhas. Entre elas, um ódio é quase unânime: Elina, porque ela mal chegou e já venceu o concurso. Nada como o poder do protagonismo. Há apenas um que simpatiza com ela, porque também foi expulso de casa, mas não demonstra essa compaixão — não é lá muito fã de interação humana e, por isso, não se considera próximo de ninguém da casa. Quando ouve essa declaração, uma colega se choca: “Achei que a gente era [próximo]”.

As drags reais que fazem participação especial também são incluídas na conversa. Entre elas, estão Gab Gab — drag do bolsista do LabDat — e Nit Nit Picky, que concorrem no concurso contra Elina. A final da competição fictícia, porém, tem cinco candidatas. Então, quem são os outros dois adversários de Elina? A ideia original seria que esses lugares fossem ocupados pelos demais finalistas do concurso de verdade, mas imprevistos acontecem e eles não podem participar. Para remediar a situação, Valter Rosa, o único ator do ensemble que faz drag na vida real, fica responsável por trazer sua queen para o *Purpurina*.



Gab Gab e Nit Nit Picky arrasam na final fictícia. | Foto: Divulgação/Maria Antônia Oliveira

E a quinta finalista? Camila Franco já tinha sido escalada como substituta para essa cena, então é chamada para assumir o papel restante. Porém, não pode simplesmente entrar como sua personagem do ensemble, porque ela trabalha na Casa Purpurina. Para Perla Purple não ser acusada de nepotismo, o jeito é Camila criar outra persona. Faltando menos de três semanas para o espetáculo, ela recebe a tarefa de criar uma drag queen do zero.

O resultado é Kiki Kira, uma drag extravagante, divertida e cor-de-rosa. O nome vem de “Kiki”, uma gíria associada à comunidade LGBTQIA+ (que define um encontro social, geralmente para fofocar e compartilhar histórias), e de “Kira”, que significa brilho em japonês.

[Kiki Kira](#)

Depoimento de Camila Franco (Kiki Kira).

Enquanto uma drag vem ao mundo, outra renasce, com novos desejos e ambições. Valter Rosa se inspira nas trocas com as colegas drags e agora pretende explorar sua Pérola Blum, nascida e crescida no teatro, na noite. O destino de Kiki Kira é mais incerto. Ela existe por uma demanda de *Purpurina*, mas o fato é que Camila sai desse trabalho com uma drag pra chamar de sua. Ainda não tem planos para seu futuro, mas quem sabe? Se tiver vontade de experimentar novamente essa persona extravagante e cor-de-rosa, Kiki Kira estará sempre ali, pronta para brilhar.



Pérola Blum e Kiki Kira foram as últimas a chegar a essa final de mentirinha, mas deixaram sua marca. | Foto: Divulgação/Maria Antônia Oliveira

PARTE 4

O final feliz dentro das estatísticas

Os vários Miguel, Raquel e Virgílio da vida real



Foto: Divulgação/Maria Antônia Oliveira

Começo dos anos 2010, interior do Rio Grande do Sul. Um jovem recém saído da adolescência lava a louça enquanto o pai e a madrasta assistem à TV. Uma reportagem no jornal fala sobre adoção entre casais homoafetivos. O homem e a esposa se indignam: “Esse tipo de gente não tem condições de criar uma criança”.

Não é uma opinião incomum. Em 2011, 38% dos brasileiros pensavam o mesmo, e 9% concordavam em parte. Os dados são da pesquisa [Diversidade sexual e homofobia no Brasil](#), realizada pela Fundação Perseu Abano e pelo Instituto Rosa Luxemburgo.

O jovem lava os pratos. Ensaboa, enxagua. Mas não consegue limpar o nó na garganta. A vontade de se abrir para a família, de conversar sobre quem realmente é, fica mais fraca. Morre um pouquinho mais.

Em uma cidade pequena, não havia muitas chances de crescimento como ator e cantor. “Então, eu aproveitei e dei tchau pra tudo. Vim viver minha vida do jeito que eu queria, viver os meus sonhos, me libertar da minha família tóxica”, conta o jovem, cujo nome não será divulgado para proteger sua privacidade. Anos após se mudar para Florianópolis, ele entrou no elenco de *Purpurina*, em 2020. Assim como os protagonistas Miguel e Sandra, encontrou ali um local de acolhimento.



Assim como fez em 2022, quando seu irmão interpretou Miguel, Julie Vigano ouve os desabafos do personagem na pele de Sandra. | Foto: Divulgação/Maria Antônia Oliveira

Da coxia, ele escuta Bruno Mortari, na pele de Miguel, cantar sobre palavras que doem como balas e sobre a sensação de estar perdido, no escuro, sem um lar. Precisa se preparar para entrar em cena logo em seguida — uma cena de comédia. Mas é difícil. Porque, apesar de ter saído de casa antes de ser expulso, ele conhece bem as palavras que ferem Miguel e o escuro no qual o personagem está preso. “Facilmente poderia ter acontecido comigo. Felizmente não aconteceu, mas, ainda assim, a dor a gente sente”.

Não é uma história única, mas, nesse caso, as semelhanças são bem explícitas, porque seu pai é policial e sua mãe, evangélica, assim como os pais de Miguel. Hoje em dia, morando longe, ele se dá razoavelmente bem com a família. “Não é aquela coisa que eu gostaria, né? Mas é o que tem”. São situações agrídoces como essa que Júlia Rubra, intérprete de Raquel, a mãe evangélica de Miguel, chama de “final feliz dentro das estatísticas”.

Nos cinco anos desde que assumiu a personagem, Júlia perdeu a conta de quantas vezes recebeu feedbacks como “Nossa, eu olhei pra você, lembrei da minha mãe”. É um sentimento comum até entre o elenco — Valter Rosa, do ensemble, jura que Raquel é “sua mãe inteirinha”.

No começo da história, ela quer defender o filho dos ataques de Virgílio, mas não o faz. Não pode. Tem medo. Até que chega sua música solo, “Volta”. Na Igreja Católica, dizem que quem canta reza duas vezes. A evangélica Raquel faz o mesmo. Ao cantar sua oração, encontra a coragem para ir atrás do filho.

Durante uma visita ao Beco das Violetas, Raquel recebe o panfleto do Concurso Purpurina e decide marcar presença, convencendo o marido a ir junto. Após a vitória de Elina, o vilão Diogo ameaça matar Perla Purple, mas é baleado por Virgílio. Miguel vê a mãe e corre para abraçá-la. Mas seu pai, apesar de ter acompanhado a esposa na busca pelo filho, não quer olhar para ele, ainda mais montado. Raquel chama Miguel para voltar para casa, mas ele é categórico: seu lugar, agora, é ali. Ela fica triste, mas entende. O filho promete visitá-la sempre e vê a mãe indo embora com o marido violento. O final feliz dentro das estatísticas.



Na procura pelo filho, Raquel chega ao Beco das Violetas, onde os artistas da Casa Purpurina a destratam. Júlia Rubra diz que é um momento de catarse para o público pensar “Vamos dar uma detonada nessa crente”. Mas, na remontagem, uma das atrizes não se sentiu confortável de ser tão grossa gratuitamente, então Júlia sugeriu que Raquel errasse o pronome do personagem. | Foto: Divulgação/Maria Antônia Oliveira

Essas estatísticas existem, mas são poucas. Os dados sobre LGBTQIA+fobia familiar no Brasil são generalistas e pouco conclusivos. Segundo a pesquisa *Percepções sobre a comunidade LGBTQIA+*, realizada em 2023 pelo Instituto Locomotiva e pela IO Diversidade, 20% dos brasileiros acreditam que a homossexualidade é uma doença e afirmam que não aceitariam um filho gay.

A pesquisa *Diversidade sexual e homofobia no Brasil* é mais antiga, de 2011, mas traz dados mais específicos: 72% dos brasileiros não gostariam que seus filhos fossem gays ou lésbicas, mas tentariam aceitá-los. Já 7% não aceitariam e os expulsariam de casa — uma reação mais comum entre os homens (11%) do que entre as mulheres (4%).

Raquel, Virgílio. O Brasil.

[Por trás de “Eu Tô no Escuro”, “Volta” e “Eu Sou Assim \(Piano Version 2\)”](#)

Joel Vigano, irmão de Jamil, interpretou Virgílio em ambas as montagens. Muitas vezes ele tentou persuadir o irmão a escrever um final diferente para o personagem, uma redenção, por menor que seja. Jamil sempre foi irredutível. A peça se passa em poucos dias, não haveria tempo para uma revelação divina que tirasse a homofobia de seu corpo. Mas quem sabe no futuro? “A atitude dele de ir lá e defender o filho, estar com a esposa, pra gente já acendeu o *spin-off*⁴. Ia ser uma reconciliação muito bonita”, reflete o diretor.

⁴ Obra derivada.



Para interpretar Virgílio, Joel se baseia na lenda Cherokee dos dois lobos que todos possuem dentro de si, um bom e um mau, e quem vence é o que alimentamos mais. Na hora em que encarna o pai homofóbico, que considera “a escória do mundo”, Joel foca no lobo mau. | Foto: Divulgação/Maria Antônia Oliveira

Alguns pais aceitam de cara. Outros demoram. Alguns nunca aceitarão. No caso de Miguel, a mãe o acolhe, o pai não, ao menos por enquanto. “É a história de muita gente, que teve que aprender a ser feliz sem a sua família completa”, diz Júlia.

Mimimi

O perigoso discurso de Diogo



Foto: Divulgação/Maria Antônia Oliveira

Apesar da violência de Virgílio e da omissão de Raquel, nenhum dos dois é classificado como antagonista. Eles são apenas “coadjuvantes B”. O antagonista indicado pelo roteiro é Diogo, um fotógrafo “jovem, misterioso e sedutor” que “apresenta problemas psicológicos graves”. Além de assediar Sandra e quase agredir Miguel, ele tem um relacionamento abusivo com Perla Purple.

Diogo é inspirado em Max, um personagem da peça *Erótico Club*, da qual Jamil participou quando integrava a Cia Grito de Teatro. Ao contrário de Max, que é agressivo durante toda a história, Diogo parece mais carismático no começo. É o homem que não se apaixona e só quer se aproveitar.

[Por trás de “Sorte e Azar”, “Sem Eira, Nem Beira” e “Amor Enganado”](#)

[Por trás de “Vozes”](#)

Durante seu solo, Diogo ouve as vozes das pessoas que atormentou e, transtornado, vai atrás de vingança. Ele segue para a Casa Purpurina, interrompe a vitória de Elina no concurso e aponta uma arma para os presentes.

“Vocês são tudo assim”, acusa. “Vivem se fazendo de vítima, quando na verdade se acham superiores. A gente tenta se aproximar de vocês, mas daí vocês vêm com esse mimimi... Agora vocês vão me ouvir”. O vilão manda Perla se ajoelhar. “Então é assim que você vai me calar? Seu covarde! Covarde!”, grita ela. E um tiro é ouvido. Mas não é Perla quem está baleada, e, sim, o próprio Diogo. Virgílio surge, tendo acompanhado Raquel na procura pelo filho, e salva Perla e os outros.

Diogo cai, mas suas palavras ainda ecoam na mente dos artistas da Casa Purpurina. Aquela não é a primeira vez que os personagens ouvem esse discurso. Nem seus atores.



Na pele de Diogo, Gael Bregeron ataca a Casa Purpurina no texto, e toda a comunidade LGBTQIA+ no subtexto. | Foto: Marcelo Pedrozo

Apesar dessa fala preconceituosa, Diogo também pertence à comunidade. Em determinado ponto da história, ele até diz: “Eu curto caras também. Mas é que acho a beleza feminina tão mais interessante...”. Esse personagem, que poderia ser identificado na letra B da sigla, escolhe atacar seus iguais. Por quê? Para Jamil Vígano, a resposta é medo. “Eu acho que ele é o cara de fora do meio que gostaria de pertencer. Mas ele mesmo sofre o medo daquele preconceito todo. Já o pessoal da Casa Purpurina é livre. Ele decide calar”.

[Discurso do Diogo](#)

PARTE 5

O retorno do cisne

Bruno Mortari encontra sua drag no Workshop Purpurina



Foto: Marcelo Pedrozo

Um menino performa para milhares de pessoas no fundo de sua imaginação. A plateia hipotética aplaude, mas quem assiste na vida real é menos generoso. “Olha lá a Maria Odette!”, dizem, em tom de deboche. O menino, de mais ou menos cinco anos, descobre que o mundo não o vê como uma diva. Então tira o paninho que havia amarrado na cabeça, fingindo ser uma peruca comprida. No desejo de não ser a Maria Odette, de quem tinha tanta vergonha, volta a ser somente Bruno Mortari.

Essa cena se repete algumas vezes. Chega num ponto em que não é mais necessário que venham com comentários maldosos. O lenço não vira mais cabelo. Maria Odette já não dança nem canta. Como poderia? Está guardada, a sete chaves, no fundo da garganta do menino. Ele não assiste mais ao *Lago dos Cisnes*, filme que criou sua paixão por balé. Afinal, balé é coisa de menina. E a personagem Odette é a origem do apelido opressor. Vai tudo pro fundo da garganta.

Até que ele cresce e se arrisca. Aos 20 anos, faz o que o garoto de cinco não pôde e se matricula numa aula experimental de balé. Canta e dança seus musicais de infância na Cia Grito de Teatro. Aos 23, se monta pela primeira vez na pele de Miguel, protagonista de

Purpurina, e dá vida à drag Elina. Após o espetáculo, pessoas da plateia lhe dizem: “Teu personagem ajudou na minha autoestima”. Bruno sorri. Elina cumpriu seu papel. Agora, é hora de libertar Maria Odette de sua prisão. E o primeiro passo é dado alguns dias antes da estreia do musical, no Experimenta, evento de arte e cultura da UFSC.



Quando percebeu que, interpretando Miguel, precisaria se montar, Bruno ficou com medo de postar esse trabalho no Instagram. O que seus seguidores iriam pensar? Mas decidiu ligar o modo tô-nem-aí. “É chato ter que ficar se podando na internet. Eu tô cansado. Eu tenho 24 anos, sabe? Eu não tenho culpa que colocaram uma expectativa em cima de mim que eu não cumpri”. | Foto: Divulgação/Maria Antônia Oliveira

Ao começar o workshop, Gabriel, ou melhor, Gab Gab, coloca seus 17 pupilos em roda e pede que falem seus nomes, sua experiência com arte drag e que animal gostariam de ser. A maioria é iniciante, um ou outro já se montou, e tem aqueles cujo único contato foi mesmo o reality show *RuPaul’s Drag Race*. Os animais que aparecem são diversos: cobra, pantera, cachorro de madame, até boto, porque ele tem tudo a ver com a arte drag — de dia, é uma coisa, e, à noite, outra, como diz a lenda amazônica.



Gab Gab convida os presentes a escolherem um espírito animal. | Foto: Nathaly Bittencourt

Bruno não precisa pensar muito para escolher seu bicho. Está no nome da sua drag: “swan”, em inglês, quer dizer “cisne”. Essa paixão tem a ver com o filme que marcou a sua

infância, mas vai além. Bruno gosta desse animal porque ele é livre. Pode voar e também pode ficar na água. Pode ser o que quiser.

No primeiro exercício, Gab Gab manda que caminhem pelo espaço imitando o comportamento dos bichos que escolheram. É como se Bruno tivesse se preparado a vida toda para aquele momento. Arqueia as sobrancelhas e faz um leve biquinho. Começa a andar com os braços dobrados, olhando de canto para todo mundo, meio gracioso, um leve ar de deboche. Na hora em que Gab Gab manda demonstrar alegria, o cisne de Bruno dá um pulinho; quando a instrução é socializar, o sorriso mostra todos os dentes.



Com seu sorriso de cisne, Bruno reencontra Odette Swan. | Foto: Nathaly Bittencourt

Gab Gab propôs a escolha de animais na criação das drags para trabalhar personas estabelecidas no imaginário coletivo, mas em que ainda há uma margem de criação. Além disso, instruir os participantes a escolherem qual animal seriam é também um exercício psicológico — quando tomam essa decisão, pensam naquilo que gostariam de ser, e isso tem tudo a ver com arte drag. “Drag também é sobre o que a gente sempre quis ser e nunca pôde”, diz.

No último exercício da oficina, é hora de dançar. Bruno dá piruetas e estica os pés, como num balé clássico. É Maria Odette, agora Odette Swan, enfim liberta de sua prisão. Finalmente Bruno rouba dos cisnes a característica que mais admira neles, a liberdade. Dança pela sala, solto, sem julgamentos, como o menino de cinco anos não pôde fazer. Hoje, é recebido não com deboche, mas com aplausos.

Cisne

Depoimento de Bruno Mortari (Odette Swan).

Depois do arco-íris

Hora de recolher a purpurina



Foto: Marcelo Pedrozo

O clima nos ensaios é sempre alegre (com exceção de alguns momentos de bronca do diretor), mas hoje é diferente. Os abraços de cumprimento são mais apertados, as risadas mais agudas. Os celulares, antes proibidos, aparecem um pouco mais, a ânsia de registrar os últimos momentos do processo, o medo de que a memória não seja suficiente. Há um quê de tristeza no ar apesar da alegria e, por que não, impulsionando-a. Quando acaba a música final e começa o ensaio dos agradecimentos, Vinícius Tancredo não consegue segurar o choro. Alguns colegas tentam consolá-lo, mas certas lágrimas são contagiosas demais. Dali a pouco, quase metade do elenco o imita.

No discurso final, Jamil Viganó só consegue dizer seis palavras antes de a emoção atingi-lo: “Espero que o processo tenha sido...”. Justifica-se: “Hoje vou chorar, porque sexta-feira não”. É o último dia de ensaio, faltam seis dias para a estreia. “Independente de público, sejam artistas. Pra tia, pra mãe, pra quem tiver. Sejam profissionais”, diz Jamil. As lágrimas o atrapalham mais uma vez. “Acho que ficou tudo represado de todo esse tempo, então preciso soltar um pouquinho”.



Na roda final, a direção pede que os atores escolham uma palavra que defina o processo. Amadurecimento e coragem são algumas das escolhidas. | Fotos: Marcelo Pedrozo

Às 12h30, os tchau são emotivos, grandiosos. Cada um que vai embora é um evento. Todo mundo se vira para responder. Um a um, vão saindo. Os que demoram mais aproveitam para falar o que sempre sentiram, mas nunca expressaram. Dizem aos colegas o quanto admiram sua arte, o quanto gostaram de conhecê-los ou reencontrá-los. Ainda tem sexta, mas não é a mesma coisa.

A ordem é se resguardar durante a semana. Sem festas, sem rolês insalubres, sem facilitar para quaisquer vírus, bactérias ou ossos quebrados que queiram prejudicar o espetáculo. Apesar disso, naquele dia, Bruno Mortari vai ao aniversário da afilhada. É uma saída compreensível, mas os germes não são. A chuva de ois, quanto-tempo e como-é-bom-te-ver é implacável. No dia seguinte, Bruno acorda gripado.

“Dá-lhe tomar três litros de água todo dia, nebulização todo dia e remédio”, diz. Tenta relaxar, mas, no dia da estreia, o medo vem com tudo.

A garganta ainda está um pouco arranhada. E se a voz falhar? E se não conseguir atingir as notas? E se a gripe voltar e ele não puder se apresentar?

Desde que chega ao CIC, às 9h, até o momento de ir para a maquiagem, às 17h, Bruno anda de capuz e com o nebulizador a tiracolo. Os colegas o ajudam passando exercícios vocais e um Ibuprofeno. Duas horas antes da primeira sessão, ele toma o remédio. E reza.



Sidarta Corrêa, que é voice coach e faz parte do ensemble, ajudou Bruno a cuidar da voz. | Vídeo: Marcelo Pedrozo

Mas é como um passe de mágica: assim que pisa no palco, a ansiedade e a coceira na garganta desaparecem. No dia a dia, Bruno anda em movimentos calmos, fala com sorrisos suaves. Quando encarna Miguel e, principalmente, Elina, a voz fica mais grave, mais imponente, os movimentos mais fortes, precisos. Domina o palco. Vira uma diva. É como diz A Nova Hera, sempre boa com as palavras: “Drag é que nem rádio. No dia a dia, sintoniza de um jeito. Bota a peruca, sintoniza de outro”.



A peruca pode ser o principal, mas, claro, a maquiagem de Livia Erthal também é parte importante do processo. | Vídeo: Marcelo Pedrozo

Na manhã seguinte, o cansaço vem. A coceira na garganta volta. Ambos passam rápido. O que não passa é a saudade. Bruno dá um risinho, mas há um quê de tristeza em sua voz: “Agora está tão na ponta da língua que dá vontade de sair apresentando pro estado todo, pro país todo. Mostrar essa história que ainda acontece nesse Brasil”.

Por trás de “Arco-Íris”

Purpurina deu a muitos artistas uma oportunidade de profissionalizar sua arte. Fanny Cacilie (Nit Nit Picky) não escondeu a emoção ao pisar no Teatro Ademar Rosa fazendo uma participação especial. Sentiu a necessidade de justificar o deslumbramento: “Drag só performa no porão do porão...”.

Apresentar-se no CIC é mesmo especial. São 906 lugares. Capacidade muitas dezenas de vezes maior do que qualquer “porão do porão”. Juntando as duas sessões, 714 pessoas assistiram a *Purpurina* em 2025. Desses, alguns ingressos foram comprados, outros, distribuídos como cortesia para pessoas trans, pessoas com deficiência e estudantes da UFSC.

Na primeira sessão, a plateia, um pouco menor, é mais contida. Na segunda, as risadas rolam soltas. Até em momentos inesperados. Quando Raquel reencontra o filho, Miguel levanta o pezinho para se mostrar como Elina. Às 18h30, a plateia acha fofinho. Às 21h30, o público gargalha.

Após cada sessão, os artistas correm para cumprimentar os amigos e familiares que vieram prestigiá-los. Há colegas de outras companhias teatrais, irmãos de sangue e de vida. Uma

das convidadas mais especiais é uma fã de quatro anos e meio, Cleo, filha da atriz Renata Rodrigues. Já a maior admiradora de Valter Rosa é sua mãe, que assistiu às duas sessões.

Nem todas as mães e pais vieram. Alguns tinham compromisso. Outros não foram convidados. Mas os que estão ali celebram por todos.



O intervalo entre uma sessão e outra é marcado por abraços e gritos de empolgação. | Vídeo: Marcelo Pedrozo

O mesmo desejo expresso lá em 2022 se repete. Todo mundo adoraria fazer de novo. Fica a pergunta: quando as queens, kings e queers voltarão a palcos como o do CIC? É difícil dizer.

O processo de arrecadação de recursos para 2025 foi desgastante demais para Jamil Vigano e André Sens e não há previsão de uma terceira montagem de *Purpurina*.

Jamil tem vontade de gravar algumas das canções do musical, que ainda não estão disponíveis nas plataformas digitais. Também sonha em transformar a peça em filme. Mas não há planos concretos para nenhuma das duas ideias. “No futuro, se tiver um cliente que se interesse e banque o projeto, talvez a gente possa voltar. Mas ainda está tudo muito incerto”, diz André. Enquanto isso, *Purpurina* continuará existindo como projeto transmídia do LabDat, com a realização de mais workshops e novas edições do concurso.

Nas semanas seguintes, mais de duas dezenas de artistas acordam com o coração apertado, com saudades de ir trabalhar aos sábados pela manhã. Outros projetos aparecem, novos espetáculos, eventos, mas este vai ficar para sempre nas memórias de todos. Parece clichê, mas eles juram de pés juntos que formaram, sim, uma família.

Talvez seja porque, na ficção e na vida real, a Casa Purpurina é um lugar de liberdade. A mami da casa, Perla Purple, já dizia: “Nunca se esqueçam de que, aqui dentro, vocês podem ser o que quiserem”. E tem como esquecer?

[Família](#)

FICHA TÉCNICA

Reportagem produzida como Trabalho de Conclusão do Curso de Jornalismo da Universidade Federal de Santa Catarina no semestre 2025/2.

Reportagem por Marcelo Pedrozo.

Locução por Marcelo Pedrozo.

Edição de vídeos e áudios por Marcelo Pedrozo.

Trilha sonora com: "Eu sou assim", de Jamil Vigano e Abel. "Tic-Tac", de Jamil Vigano e Abel. "Purpurina", de Jamil Vigano e Abel. "Arco-Íris", de Jamil Vigano e Abel. "Eu sou assim (piano version)", de Jamil Vigano e Abel. "Lugar pra mim", de Jamil Vigano e Abel. "Sem eira nem beira", de Jamil Vigano e Abel. "Eu tô no escuro", de Jamil Vigano e Abel. "Volta", de Jamil Vigano e Abel. "Amor Enganado", de Jamil Vigano e Abel. "Sorte e Azar", de Jamil Vigano e Abel. "Vozes", de Jamil Vigano. "Eu sou assim (piano version 2)", de Jamil Vigano e Abel.

Coordenação técnica de áudio por Peter Lobo.

Identidade visual e webdesign por Marcelo Pedrozo.

Orientação da Professora Tattiana Teixeira.

Agradecimentos a Jamil Vigano, André Sens, Mariane Ventura, Melina Ayres, Raphaela Ferro, Nathaly Bittencourt, Pedro Guerrazzi, Victor Lebarbenchon, Danielly Alves e Robson Ribeiro.

Clique [aqui](#) para acessar o playbill⁵ de *Purpurina — O Musical* com a ficha técnica do espetáculo.

Universidade Federal de Santa Catarina
Centro de Comunicação e Expressão
Curso de Jornalismo

Florianópolis, 2025

⁵ Folheto geralmente distribuído em teatros contendo informações sobre a produção.